

O NASCIMENTO MESSIÂNICO DE JESUS: UMA EXEGESE DE MATEUS 1:18-25

Basílio Henrique Pereira Júnior¹
Eduardo Leandro Alves²

RESUMO

Este trabalho surge de uma perspectiva bíblica sobre o Nascimento de Jesus. A perícopes selecionada para esta exegese foi Mateus 1:18-25, pelo fato de fazer uma narrativa sintética sobre o cumprimento das promessas no Antigo Testamento da chegada do Salvador do mundo na forma humana através do seu nascimento por meio de uma virgem. Foi utilizado o Método Histórico-Gramatical, selecionadas as palavras-chave do texto original em grego, sendo analisado: radical, possíveis variações, aplicação da palavra no Novo Testamento, não só pelo autor, mas por outros autores. Foram selecionados artigos, dicionários e comentários bíblicos sobre o tema, elucidando seu significado, na tentativa de chegar o mais próximo do que o autor, na sua língua original gostaria de transmitir.

ABSTRACT

This work comes from a biblical perspective on the Birth of Jesus. The selected scope for this exegesis was Matthew 1: 18-25, for making a synthetic account of the fulfillment of the promises in the Old Testament of the coming of the Savior of the world into human form through his birth through a virgin. We used the Historical-Grammatical Method, selecting the keywords of the original text in Greek, being analyzed: radical, possible variations, application of the word in the New Testament, not only by the author, but by other authors. Articles, dictionaries and biblical commentaries on the subject were selected, elucidating their meaning, to get as close as the author, in their original language would like to convey.

¹ Graduando em Teologia pela FAECAD-RJ, graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, Professor do Curso de Teologia Ministerial do Centro de Estudos Teológicos das Assembleias de Deus na Paraíba – CETAD-PB e-mail: basiliofisioterapeuta@gmail.com.

² Mestre em Teologia e Doutorando em Teologia Prática (Bolsista CAPES) pela Escola Superior de Teologia – Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Pós-graduado em Gestão Educacional pela Universidade Gama Filho (UGF) e Graduado em Teologia pela FTSA. Teólogo e professor na área de Ética, Religiosidade Popular e Teologia do AT e NT. Diretor do Centro Educacional da AD na Paraíba. Secretário executivo da SEMAD-PB. E-mail: eduleandroalves@hotmail.com.

1. CONTEXTO HISTÓRICO: O QUE ESTAVA ACONTECENDO DE RELEVANTE NA HISTÓRIA DE ISRAEL NO PERÍODO NARRADO POR MATEUS

Para a melhor compreensão da perícopes de Mateus 1:18-25, faz-se necessário a análise do contexto histórico, ou seja, da época em que os fatos relatados no Evangelho de Mateus aconteceram.

Qualquer suspeita messiânica deixava as autoridades judaicas superalertas. Observa-se isso nas diversas vezes que Jesus não queria ser proclamado publicamente como o Cristo e do Anjo não pedir a Maria que procurasse as autoridades para contar que ela havia sido a escolhida para Ele vir a terra. Jesus rompeu com a imagem messiânica convencional de judaísmo (clássico e popular) e rompeu com as expectativas depositadas n'Ele, inclusive por João Batista (Mt 11:3). Em vez de ser o Messias glorificado, ele é o Messias Servo. Pode-se dizer que o nascimento de Jesus de Nazaré destituiu toda e qualquer compreensão ou expectativa messiânica do seu tempo, e certamente também do nosso tempo. Lc 9:58 diz: “as raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”, mostra-se assim um pouco da realidade concreta do messias de Deus – Jesus de Nazaré³.

2. MARIA: SEGUNDO O EVANGELHO DE MATEUS

O nome Maria é a forma helenizada do nome hebraico *Miriã* e possivelmente se deriva do vocábulo *Maryê*, “amada”, embora isto seja extremamente duvidoso. As informações sobre a mãe de Jesus se confinam quase que inteiramente às narrativas sobre a infância de Cristo, nos evangelhos de Mateus e Lucas. Quando foi feito o anúncio angélico do nascimento de Jesus, Maria estava vivendo em Nazaré da Galileia e estava noiva de um carpinteiro chamado José (Lc 1:26). Lucas nos informa que José era da descendência de Davi, e, embora nenhuma menção seja feita sobre a linhagem de Maria, é possível que ela tenha vindo da mesma linhagem, especialmente se, conforme parece provável, a genealogia de Cristo, no terceiro capítulo de Lucas, deva ser traçada através da sua mãe. A concepção de Jesus é descrita como “pelo Espírito Santo” (Mt 1:18 e Lc 1:35), e Seu nascimento é como algo que sucedeu em Belém, já perto do fim do rei Herodes o Grande (Mt 2:1; Lc 1:5; 2:4). Está registrado tanto em Mt 2:23 como em Lc 2:39 que, depois do nascimento de Jesus, a Santa Família passou a viver em Nazaré. Apenas

³ WIESE, W. Conflitos Sociais e Esperança Messiânica na Palestina Judaica do Século I d.C.. Vox Scripturae , v. 7, p. 25-50, 2004.

Mateus menciona a fuga para o Egito, onde José, Maria e a criança se refugiaram da iracúndia de Herodes. Lucas registra a visita que Maria fez à sua parenta Isabel, que a saudou com as palavras “Bendita és tu entre as mulheres” e “a mãe do meu Senhor” (Lc 1:42), e registra o cântico de louvor proferido por Maria. A única vista de olhos muito comoventes sobre a infância de Cristo nos é fornecida por Lc 2:41-51, que registra as palavras tipicamente ansiosas de Sua mãe, ao descobrir o filho perdido (v. 48), e a sua famosa resposta: “Não sabeis que me cumpria estar na casa de meu pai?”. As referências restantes a Maria, nos evangelhos, são poucas e prestam relativamente pouca informação. Aparentemente ela não acompanhava nosso Senhor em Suas viagens missionárias, ainda que tivesse estado presente em sua companhia no casamento celebrado em Caná (João 2:1). A repreensão proferida por Jesus, naquela ocasião “Mulher, que tenho eu contigo” revela antes estranheza do que tratamento áspero, onde o Senhor situa a fidelidade espiritual acima dos laços da família.⁴

3. O MATRIMÔNIO NOS TEMPOS BÍBLICOS

Na narrativa de Mateus 1:18-25, Maria estava prometida em casamento para José. Para entendermos melhor este contexto, vejamos como funcionava o casamento nos tempos bíblicos. O matrimônio é o estado no qual um homem e uma mulher podem viver juntos em relação sexual com a aprovação de seu grupo social. O adultério e a fornicação são relações sexuais que a sociedade não reconhece como constituindo o matrimônio. Essa definição é necessária porque no Antigo Testamento a poligamia não é reputada como sendo sexualmente imoral, visto constituir um estado de matrimônio reconhecido. As esposas dos hebreus normalmente eram escolhidas dentre as mulheres hebreias. Algumas vezes as esposas eram adquiridas como escravas dos hebreus. É comumente asseverado que o senhor da casa tinha direitos sexuais sobre todas as suas escravas. Nos matrimônios normais, a esposa vinha para a casa do esposo, porém os casamentos por questões políticas e socioeconômicas, as mulheres não necessariamente moravam com seus maridos. Os costumes matrimoniais da Bíblia se centralizavam em torno dos dois acontecimentos: o noivado e a festa de casamento⁵.

4. EXEGESE DO TEXTO

⁴ DOUGLAS, J. D. et al. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1962.

⁵ Ibidem

4.1 O NASCIMENTO DE JESUS: A ESPERANÇA DA PROMESSA

Os relatos de Mateus sobre o nascimento de Jesus armam o palco para o Seu ministério descrito no resto do evangelho, definindo sua “origem e objetivo”. É uma celebração do amor de Deus por Israel, e, de fato, por toda humanidade. Este amor é manifesto mais brilhantemente na declaração repetida do cumprimento escatológico da promessa de Deus da redenção.

Ele nos convida a ler Jesus à luz das escrituras, e as escrituras à luz de Jesus, reconhecendo assim que a pessoa e obra de Jesus são centrais para o caráter das Escrituras. Alguns sugerem que Mateus os relatos da infância para corresponder aos textos bíblicos sobre Jesus, mas as evidências sugerem que ele escolheu os textos bíblicos que correspondem aos relatos. Mateus, dificilmente cita os textos obviamente messiânicos aqui; ele, provavelmente, depende de tradições mais antigas para esses relatos. Vejamos Mateus 1:18:

Τοῦ δὲ [Ἰησοῦ] Χριστοῦ ἡ γένεσις οὕτως ἦν. μνηστευθείσης τῆς μητρὸς αὐτοῦ Μαρίας τῷ Ἰωσήφ, πρὶν ἢ συνελθεῖν αὐτοὺς εὗρέθη ἐν γαστρὶ ἔχουσα ἐκ πνεύματος ἁγίου. (*A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo*).

A palavra-chave γένεσις é um substantivo feminino nominativo e está neste caso no singular e significa nascimento. Esta palavra tem haver com “nascimento”, tanto literal como metaforicamente. A palavra mais frequentemente usada, γέννω e significa “dar à luz”, “parir”. Emprega-se com respeito ao nascimento de Jesus e, com prefixo ἀννα em João, com respeito à renovação do homem através do novo nascimento do Espírito Santo. No mundo secular dos tempos do NT, γέννω tem significado de “vir a existir” bem como produzir no sentido metafórico ou vagamente geral (Brown, 2000).

No AT, γέννω é empregado para traduzir o hebraico *yâlad* (dar a luz, ficar grávida). Duas passagens nos Salmos falam que Deus gerou o rei-Messias Sl 2:7 “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” e Sl 110:3 “O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder; nos ornamentos de santidade, desde a madre da alva, tu tens o orvalho da tua mocidade”. (COLIN BROWN, 2000).

Segundo Colin Brown (2000) a linha de interpretação cristológica no NT começa em Mateus 22:43-44 que diz: “Disse-lhes ele: Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, Até que eu ponha

os teus inimigos por escabelo de teus pés?”. A ausência de procriação física se mostra pela referência à “descendência de Davi” que se emprega no singular coletivamente com respeito à posteridade de Davi [e, messianicamente, ao Descendente de Davi]. O aspecto duplo do parentesco humano, e do papel de Deus, que aparece nas narrativas do nascimento e genealogia de Jesus (Mt 1:16) já está presente na linguagem do AT com respeito ao rei humano e o Messias divino profetizado.

No judaísmo da Palestina, o conceito de Deus gerar existe tão somente com respeito à expectativa messiânica. De toda volumosa literatura rabínica há apenas uma única referência que aplique Sl 2:7 ao Messias. Parece claro que este “silêncio” se deve a oposição dos fariseus à igreja cristã, que já aplicara Sl 2 a filiação de Jesus. Os Rolos do Mar Morto, no entanto, relacionam a profecia de Natã (II Sm 7:14) ao “descendente de Davi”. Na sinagoga antiga, porém, não há conceito algum do Messias como filho de Deus no sentido físico, nem há ideia da sua pré-existência (COLIN BROWN, 2000).

γέννω ocorre 97 vezes no NT, inclusive 45 vezes em Mt e 28 vezes nas obras de João. Não há, no entanto, nenhuma ênfase específica no seu emprego no NT. O sentido preciso de *γέννω* deve ser determinado pelo contexto, tanto na sua forma ativa como na passiva, sendo que se emprega com respeito ao pai bem como à mãe, como no grego coloquial. João o usa para empregar o sentido da origem do crente, Paulo o usa com respeito ao seu relacionamento com os convertidos (COLIN BROWN, 2000).

Bers (2003) ressalta a importância do nascimento virginal de Jesus para a fé cristã porque o Filho de Deus deveria estar isento da natureza pecaminosa, transmitida a humanidade por Adão. Jesus manifestou-se em forma humana, mas como filho de Deus nasceu sem qualquer traço de pecado. Jesus possuía as duas naturezas: a humana e a divina.

Segundo Tasker (2011), nesta sessão, Mateus não estava interessado em satisfazer a curiosidade de historiadores contando-lhes a história do nascimento de Jesus em detalhes, mas sim em atrair a atenção para certos aspectos da mesma em que a revelação do AT se cumpriu, alguns dos quais foram deliberadamente deturpados pelos judeus, que não esperavam que o Messias nascesse de uma virgem. Mateus 1:19 diz:

Ἰωσήφ δὲ ὁ ἀνὴρ αὐτῆς, **δίκαιος** ὢν καὶ μὴ θέλων αὐτὴν δειγματίσαι, ἐβουλήθη λάθρᾳ ἀπολῦσαι αὐτήν. (*José seu esposo sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo*).

A palavra-chave deste versículo *δίκαιος* é um adjetivo-grego nominativo que está no masculino superlativo e refere-se a José. Gingrich e Danker (1984) afirmam que o termo *dikaio*s (transliterado) era aplicado aos cidadãos-modelos do mundo greco-romano. É uma pessoa reta, justa, correta, honesta.

Este termo que descreve José também é usado em Mateus 10:41; 13:43 e pode ser usado também como o “guardador da lei”. Haubeck e Siebenthal (2009) afirmam que, mesmo José sendo noivo de Maria e amando-a, não podia aceitar sua suspeita de “traição”, por isso precisava “deixá-la secretamente” para cumprir a lei. No AT, o adjetivo *dikaio*s ocorre cerca de 180 vezes para traduzir *saddiq* embora também traduza 17 outros termos e expressões, inclusive *yasar*, “reto”, “correto”, “direito” (Nm 23:10, Pv 3:32, Jó 1:1).

Uma das calúnias que os cristãos primitivos tiveram que refutar foi a de que Jesus teria nascido de uma união fora do casamento; pois, perguntava-se, porque não teria José relatado imediatamente os assuntos às autoridades ao descobrir que Maria estava grávida quando o seu casamento já vigorava (Tasker, 2011).

Mateus registra a resposta. Não se nega que Maria tenha engravidado antes de José ter consumado o casamento; mas se insiste em que, embora como homem honrado, ele estivesse plenamente consciente de que deveria tornar público o assunto, não obstante evitou fazê-lo, desejando proteger sua desposada de uma publicidade vergonhosa e começou a encarar a possibilidade de romper secretamente seu compromisso (Tasker, 2011).

O autor explana de maneira mais clara o porquê de José não ter denunciado Maria às autoridades em Mt 1:20, respondendo aqueles que achavam que Jesus havia nascido de uma relação extramatrimonial:

ταῦτα δὲ αὐτοῦ ἐνθυμηθέντος ἰδοὺ ἄγγελος κυρίου κατ’ ὄναρ ἐφάνη αὐτῷ λέγων· Ἰωσήφ υἱὸς Δαυὶδ, μὴ φοβηθῇς παραλαβεῖν Μαρίαν τὴν γυναῖκα σου· τὸ γὰρ ἐν αὐτῇ γεννηθὲν ἐκ πνεύματος ἑστὶν ἁγίου. (*Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a Ele em Sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo).*

ἄγγελος κυρίου (*Agelos Kíriu*) significa “Anjo do Senhor”. O grego emprega a palavra *ἄγγελος* para o mensageiro, o embaixador em assuntos humanos, que fala e age no lugar daquele que o enviou. Tal pessoa está sob a proteção dos deuses e é inviolável (COLIN BROWN, 2000).

Ἰωσήφ υἱὸς Δαβὶδ (José, filho de Davi ou Descendente de Davi). Este José é o marido de Maria. Não é mencionado em Marcos, e as referências em João 1:45 e 6:42 são indiretas. De acordo com este versículo de Mateus, José era descendente de Davi. Parece que a genealogia apresentada em Lucas 3 não é a de José, mas antes, a de Maria. Lucas já havia demonstrado que Jesus não era filho de José. Mateus estava traçando a relação legal de volta até Davi e até Abraão (COLIN BROWN, 2000).

Haubeck e Siebenthal (2009), afirmam que a expressão “Filho de Davi” nesta perícope não é messiânica, pois Jesus não era filho de José, mas para mostrar aos judeus que o Messias vinha da linhagem de Davi, através de Maria para se cumprir as profecias do AT que diziam que o rei de Israel viria do trono de Davi.

Outra indicação do caráter especial do Filho de Maria e da natureza da obra que ele deveria realizar, uma vez nascido é descrita no versículo 21 do capítulo 1 de Mateus que diz:

τέξεται δὲ υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ **ὄνομα** αὐτοῦ **Ἰησοῦν**· αὐτὸς γὰρ σώσει τὸν λαὸν αὐτοῦ ἀπὸ τῶν ἁμαρτιῶν αὐτῶν. (*Ela dará luz a um filho e tu o chamarás de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados*).

A expressão **ὄνομα** (*onoma*), do grego significa “nome”, “chamar”, “nomear”. Colin Brown (2000) relata em seus estudos que, na fé e no pensamento de todas as nações, o nome é inextrincavelmente vinculado com a pessoa, seja do homem, de um deus, ou de um demônio.

No AT, a palavra hebraica usada para *onoma* é *sem* e aparece cerca de 700 vezes. Os israelitas tinham consciência clara da significância dos nomes pessoais e próprios, pois através dele os pais abençoavam, amaldiçoavam ou faziam menção de um fato isolado (I Sm 25:25, Gn 4:1). Dar o nome é alguém também indicava posse ou proteção, sobre o nomeado. No NT, *onoma* ocorre 228 vezes, sendo relativamente mais comum em Lucas e no Apocalipse (COLIN BROWN, 2000).

É dada nas instruções do Anjo a José que colocasse o nome da criança de Jesus (Salvador), porque Ele livraria o povo de Deus da culpa e poder dos seus pecados.

O nome **Ἰησοῦν** (Jesus) quando aplicado a qualquer criança, na antiguidade, significa meramente a fé que seus pais tinham em Deus, como salvador de seu povo, ou a sua fé na futura salvação de Israel. Em referência ao filho de Maria, designava a missão especial que Ele vinha cumprir (DAVIS, 1987).

A palavra Cristo vem do grego *Christos* e quer dizer ungido, correspondente a palavra hebraica *Mashiah* que tem o mesmo sentido. Jesus, porém era o nome próprio e Cristo designava o título de sua pessoa (o Ungido), nome este que ficou servindo de nome próprio, isolado da palavra Jesus, ou junto dela (DAVIS, 1987).

A significância da vida e da atividade de Jesus fica evidente no seu nome. Tem o nome sublime do Filho (Hb 1:4-5). Seu nome é o “Verbo de Deus” (Ap 19:13). O nome de Deus, “Senhor”, também fica sendo nome d’Ele. O nome de Jesus pode ser substituído por apenas “O nome” (At 5:41). O contexto total da verdade salvífica que se revela em Jesus está incluído em Seu nome (At 4:12). A crença do nome do Filho, isto é, a crença na missão messiânica de Jesus (Jo 3:18) é mandamento da parte de Deus (COLIN BROWN, 2000).

Os versículos seguintes da narrativa de Mateus trazem mais a respeito dos nomes de Jesus e como ele seria conhecido e chamado pelo seu povo. Mt 1:22 diz:

τοῦτο δὲ ὅλον γέγονεν ἵνα πληρωθῇ τὸ ρηθὲν ὑπὸ κυρίου διὰ τοῦ **προφήτου** λέγοντος· (*Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta:*)

Nos livros dos profetas do AT há muitas profecias sobre o nascimento do Cristo. Homens, alguns cultos, outros indoutos, falavam da vinda do Messias. Os evangelhos registram o cumprimento dessas profecias. Partimos do princípio de que o período do Antigo e do Novo Testamento seja de 400 anos. Na hora certa e no tempo escolhido por Deus, cumpriram-se as palavras dos santos ungidos do AT (HOOVER, 2000).

O termo **προφήτου** vem de *προφήτης* (*prophetes*) que quer dizer: “profeta”, “proclamador”. É um substantivo de raiz *-phê-*, “dizer”, “proclamar”, que sempre tem uma conotação religiosa, e o prefixo “pro”, um advérbio de tempo que tem significado de “antes”, “de antemão”. Sugere assim o significado de “aquele que prediz”, “aquele que conta de antemão” (COLIN BROWN, 2000).

Para Hoover (2000) versículos como este leva-nos a considera Mateus como o livro “central” da Bíblia. O passado registrado no AT, e o futuro no NT, estão condensados neste Evangelho, tornando-se a porta de entrada do NT. Em Mateus vemos o futuro imediato, como também o futuro remoto do novo programa de Cristo. Ele nos faz olhar para trás e ver as profecias do AT em cumprimento, como mostra o versículo de Mateus 1:23:

ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσουσιν⁴ τὸ ὄνομα αὐτοῦ **Ἐμμανουήλ**⁵, ὃ ἐστὶν μεθερμηνεύμενον⁶ μεθ’ ἡμῶν ὁ θεός. (*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”*).

O vocábulo **Ἐμμανουήλ** é um substantivo indeclinável de origem hebraica “*immānūel*” e significa Deus está conosco. Esta palavra é encontrada por três vezes na Bíblia, duas vezes no AT (Is 7:14; 8:8) e uma vez no NT nesta passagem. Também pode ter sido empregada em Is 8:10 (COLIN BROWN, 2000).

No primeiro capítulo de Mateus, vimos que três nomes distinguem o filho de Deus: Cristo, Jesus, Emanuel. Sob esses nomes, Mateus anuncia a chegada de Deus em forma humana. Tudo está pronto para a chegada do Rei dos reis. A perícope desta narrativa sobre o nascimento de Jesus é concluída da seguinte forma:

ἐγερθεὶς¹ δὲ |ὁ| Ἰωσήφ ἀπὸ τοῦ ὕπνου² ἐποίησεν³ ὡς προσέταξεν⁴ αὐτῷ ὁ ἄγγελος κυρίου καὶ παρέλαβεν⁵ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ, καὶ **οὐκ ἐγίνωσκεν** αὐτὴν ἕως |οὔ| ἔτεκεν υἱόν· καὶ ἐκάλεσεν τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν. (*José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em sua casa sua mulher. Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho e ele o chamou com o nome de Jesus*”).

A palavra **οὐκ** destacada no texto é uma partícula negativa (adverbio de negação), usada antes de uma vogal com aspiração áspera ou suave e significa não, expressando negação direta e plena, de maneira independente e absoluta, e, por razão, objetiva. Antes de um verbo, como neste caso, ela deixa o verbo e a proposição negativos com relação ao sujeito (ROBINSON, 2012).

Segundo Robinson (2012) **ἐγίνωσκεν** é um verbo indicativo imperfeito ativo que está na terceira pessoa do singular e vem do verbo **γίνωσκω** e significa “conhecer”, num sentido inicial, “vir a conhecer”, “obter conhecimento de” ou ainda “familiarizar-se”. Neste caso, a palavra grega **ἐγίνωσκεν** está sendo usada pelo autor através de um eufemismo que quer dizer conhecer carnalmente uma pessoa ou deitar-se com alguém.

De acordo com o Léxico Grego do Novo Testamento de Edward Robinson (2012), **ἕως** é uma preposição que está no caso genitivo do pronome αὐτὴν (dela), que significa “até esse tempo”, “até quanto”, donde simplesmente equivalente a “até que” neste texto de Mateus.

Estas três palavras foram destacadas para ressaltar o aspecto virginal de Maria, desde o momento do anúncio do Anjo a ela, relatado por Lc 1:28 até o nascimento de Jesus. Segundo o comentário judaico sobre o NT, os protestantes geralmente afirmam que Maria era uma virgem quando Jesus nasceu, mas que “as irmãs dele” (plural, pelo menos duas, e quatro irmãos Mt 13:55,56 e Mc 6:3) eram os filhos naturais de Maria e José.

Segundo Tasker (2011) o sentido primário deste verso poderia ser que, após o “primogênito” de Maria ter nascido, José manteve relações sexuais com ela normalmente. A construção da palavra grega implica que a ação negativa teve ou teria lugar após o período indicado pela partícula.

A Igreja Católica Romana ensina que Maria permaneceu virgem por toda a sua vida e que os termos “irmãos” e “irmãs” são usados livremente para se referir a parentes mais distantes (Lv. 10:4).

A expressão grega “ἕως |οὗ|” (“até”) é inconclusiva porque não necessariamente implica em uma mudança; ou seja, a expressão grega poderia significar tanto que eles não tiveram relações durante o período anterior a ela dar a luz como que o tiveram depois, ou que permaneceram celibatários posteriormente. Contudo, o celibato em particular e o ascetismo em geral, embora praticado pelos pagãos como espiritualmente meritórios, eram e são a exceção na fé do judaísmo e na Nova Aliança, como tanto Jesus quanto Paulo ensinaram (Mt 19:10-12, I Co 7:1, Cl 2:18-23, I Tm 4:3).

Outra palavra importante contida nesta perícopa é ἔτεκεν que tem como variação [πρωτότοκος - *Prototokos*] com a raiz aoristo *-tek* (nascido). A forma ativa *prototokos* significa “dar a luz ao primogênito”. O “*tekein*”, isto é, o elemento da palavra que se refere ao “dar a luz”, às vezes fica em segundo plano, ou desaparece no sentido transferido. No Oriente antigo, tinha-se a ideia de que o primogênito herda a força do seu pai (Gn 49:3), além disto, este direito dar-lhe uma posição especial diante da lei (Dt 21:15). Por esta razão, vemos em algumas passagens no AT ele recebendo um amor especial do pai (COLIN BROWN, 2000).

Em um sentido transferido, *prototokos* se emprega para expressar um relacionamento especial com o pai, especialmente com Deus. Aqui, as duas raízes das quais a palavra deriva, *protos* “primeiro entre vários” e *tekein* que se refere a descendência física, ao nascimento, já não desempenham papel no significado (COLIN BROWN, 2000).

No judaísmo rabínico, a Torá é descrita num comentário de Pv. 8:22, 23 como a primeira coisa criada, o primogênito dos caminhos de Javé, e a mais antiga das Suas obras.

Prototokos aparece 8 vezes no NT, o termo Primogênito usado em Mateus 1:25, implica que Jesus foi o primeiro entre vários filhos de Maria (Mc 6:3). Ou pode enfatizar, tendo em vista a alusão de Lc 1:27, 34 a virgindade dela, que Maria não tivera outros filhos antes. De qualquer modo, porém, *prototokos* não exclui outros filhos de Maria.

5. CONCLUSÃO

O estudo sobre a passagem do Capítulo 1 de Mateus é primordial para os dias de hoje. Tradicionalmente, usa-se estes relatos em feriados natalícios apresentando como Jesus “veio” ao mundo. Sob certos aspectos, essa leitura ganha à dianteira do relato. Mateus apresenta esta chegada do Filho de Davi intimamente ligada ao designo de Deus de libertar a humanidade e realizar as promessas que Ele fez nas Escrituras.

Mateus 1:17-25 enfatiza a maneira como a vinda de Cristo cumpriu várias profecias. Quando se estuda os relatos do nascimento de Jesus, a tendência é sentir-se atraído para questões sobre os elementos sobrenaturais e perder a ênfase da mensagem do processo. O mundo moderno não tem lugar para nascimentos virginais, anúncios angélicos, cumprimentos proféticos e estrelas-guia. Ler os evangelhos é algo complicado.

Alguns que leem esses relatos veem só o que querem ver ou o que já decidiram que é possível, excluindo o resto. Eles veem só as coisas naturais que acreditam serem comuns a todos os nascimentos e ignoram o sobrenatural. Essa leitura modernista reduz a Jesus apresentado aqui largamente a uma metáfora, cuja experiência é bem parecida com a nossa. Tragicamente, descarta-se um Deus ativo fazendo coisas incomuns para indicar a natureza incomum deste nascimento antes mesmo que o texto seja estudado.

O cristianismo deve tomar atitudes apologéticas em defender os aspectos mais miraculosos, porém sem desviar a compreensão e leitura do verdadeiro conteúdo do relato. Deve-se estar mais atentos aos estudos dos textos bíblicos, deixar que o texto fale conosco, pois só assim o Espírito Santo revelará Suas verdades, entenderemos a essência do evangelho, libertando-nos do julgo do engano, das falsas profecias e ensinamentos.

6. REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Comentário de Mateus. Português. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Tradução João Ferreira de Almeida. Comentário de Mateus por BERS, R. A. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BÍBLIA, Comentário de Mateus. Português. **Bíblia de Estudo Apologia Cristã**. Tradução João Ferreira de Almeida. Comentário de Mateus por C HULTBERG, A. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA, Comentário Bíblia de Malaquias a Cristo. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Tradução João Ferreira de Almeida. Comentado por STAMPS, D. C. Rio de Janeiro: CPAD, pp. 1378 e 1379, 1995.

COLIN BROWN, L. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

DAVIS, J. D. **Dicionário da Bíblia**. Tradução do Reverendo J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

DOUGLAS, J. D. et al. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1962.

FRIBERG, B. e FRIBERG, T. **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GINGRINK F. W. e DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

HAUBECK, W. e SIEBENTHAL H. V. **Nova chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982. p.121-148.

ROBINSON, E. **Léxico Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

TASKER, R. V. G. **Introdução e Comentário**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2011.

WIESE, W. **Conflitos Sociais e Esperança Messiânica na Palestina Judaica do Século I D.C..** Vox Scripturae , v. 7, p. 25-50, 2004.